

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas

2013



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ – SEED
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

ELISÂNGELA FERREIRA INGLEZ

TEMPOS DE FOLIA: REPRESENTAÇÕES DO CARNAVAL PONTA-GROSSENSE



*Ponta Grossa
2013*

ELISÂNGELA FERREIRA INGLEZ

**TEMPOS DE FOLIA: REPRESENTANDO O CARNAVAL PONTA-
GROSSENSE**

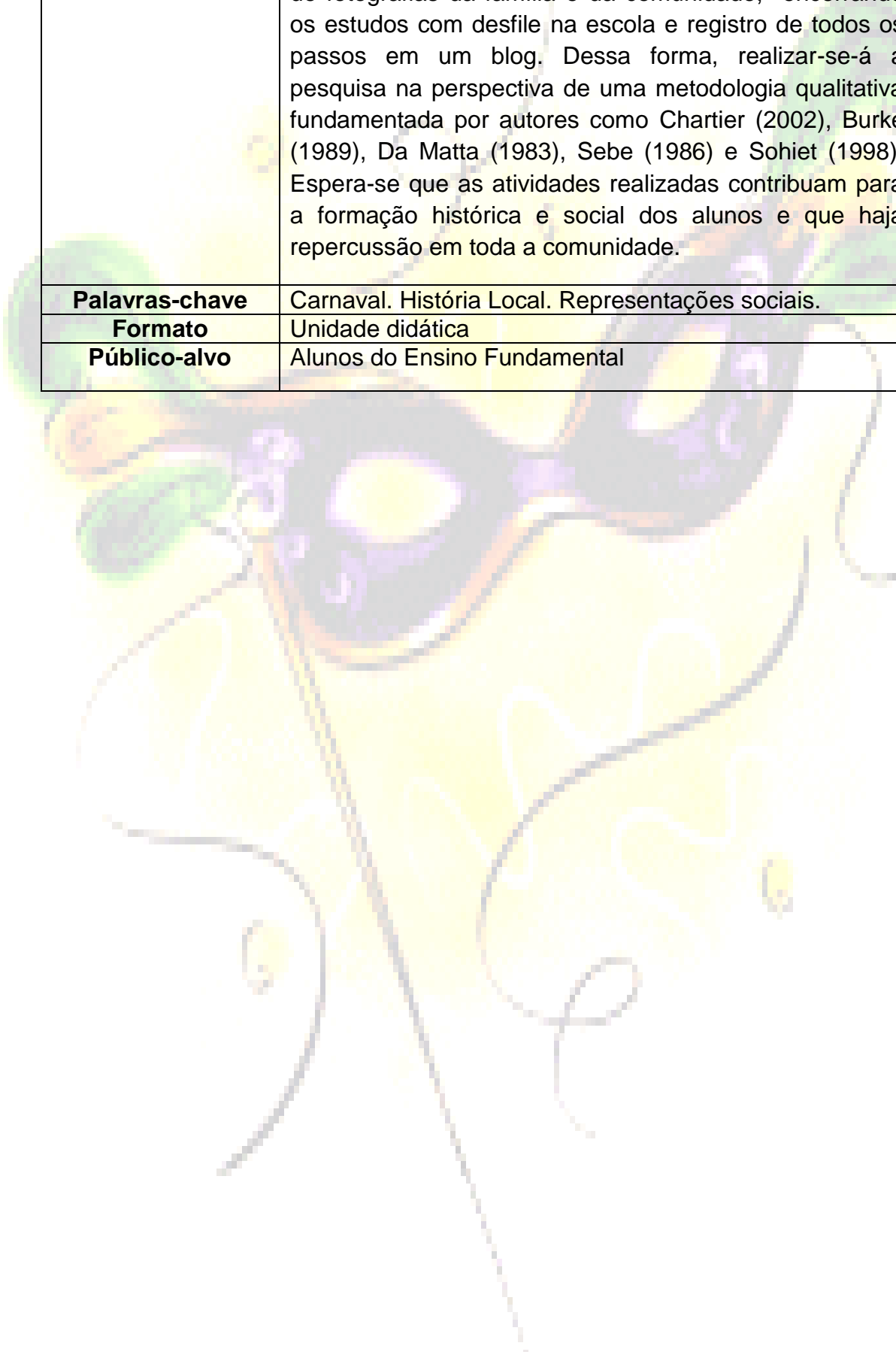
**Produção didático-pedagógica
apresentada à SEED – Secretaria de
Estado da Educação, como parte
integrante do PDE – Programa de
Desenvolvimento Educacional, sob a
orientação da Profa. Dr^a Christiane
Marques Szesz – UEPG.**

**PONTA GROSSA – PR
2013**



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED
SUPERINTENDENCIA DA EDUCAÇÃO – SUED
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS - DPPE
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE
Av. Água Verde, 2140 – CEP 80240-900 – Curitiba - Paraná

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	
Título	Tempos de Folia: representações do carnaval ponta-grossense
Autor	Elisângela Ferreira Inglez
Disciplina da área	História
NRE	Ponta Grossa
Escola de implementação	Colégio Estadual Polivalente
Município da Escola	Ponta Grossa
IES	Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG
Professor Orientador	Profa. Dr ^a Christiane Marques Szesz
Relação Interdisciplinar	Artes, Sociologia
Resumo	<p>O Carnaval em Ponta Grossa passou por momentos de grande destaque nos Campos Gerais, na década de 1930. O Corso ponta-grossense atraía turistas, aquecia o comércio e, além disso, os clubes também apresentavam alternativas de alegria aos seus associados. Diante disso, nesse trabalho abordar-se-á como uma comunidade se representa em manifestações culturais. Destaca-se também a necessidade do cumprimento da Lei 13.381/01 que contempla a obrigatoriedade do trabalho com conteúdos sobre a História do Paraná, possibilitando o resgate da História Local e também a identificação do aluno como sujeito do processo histórico. Esse trabalho terá como público alvo serão alunos do 8º ano do ensino fundamental II do Colégio Estadual Polivalente. Sendo assim, objetiva-se criar condições para que os alunos se observem como sujeitos históricos, com presença e atuação na comunidade e sejam investigadores motivados, conheçam a história do carnaval, seus significados, representações e sua importância como expressão cultural. Para tanto, serão propostas aulas expositivas com slides na TV pendrive, pesquisas e apresentações dos alunos a partir de fragmentos de textos, livros e</p>



	artigos, confecção de máscaras, coleta e apresentação de fotografias da família e da comunidade, encerrando os estudos com desfile na escola e registro de todos os passos em um blog. Dessa forma, realizar-se-á a pesquisa na perspectiva de uma metodologia qualitativa fundamentada por autores como Chartier (2002), Burke (1989), Da Matta (1983), Sebe (1986) e Sohiet (1998). Espera-se que as atividades realizadas contribuam para a formação histórica e social dos alunos e que haja repercussão em toda a comunidade.
Palavras-chave	Carnaval. História Local. Representações sociais.
Formato	Unidade didática
Público-alvo	Alunos do Ensino Fundamental

APRESENTAÇÃO

Caro aluno o Carnaval em Ponta Grossa era uma festa muito significativa na sociedade ponta-grossense. Nos anos de 1930, essa festa passou por momentos de grande destaque nos Campos Gerais. O Corso ponta-grossense atraía turistas, aquecia o comércio e, além disso, os clubes também apresentavam alternativas de alegria aos seus associados.

Os clubes sociais, além de promoverem bailes, participavam do corso, organizando blocos e ornamentando carros alegóricos, que desfilavam juntamente com a rainha e as princesas de cada sociedade recreativa. Na década de 1930 e início da década de 1940 o carnaval ponta-grossense alcançou seu apogeu. As dezenas de blocos carnavalescos contribuíram grandemente para isso, o carnaval princesino¹ era essencialmente popular.

Esse material didático-pedagógico tem o formato de Unidade Didática, sua aplicação destina-se às aulas de História e foi produzido para vocês, alunos do Ensino Fundamental. Nesse material, será proposto que vocês estudem sobre o carnaval como possibilidade de análise de História Local. Esse estudo está atendendo o cumprimento da Lei 13.381/01, que o torna obrigatório nos Ensinos Fundamental e Médio, juntamente com os conteúdos sobre História do Paraná.

Para a organização dessa Unidade Didática partiu-se do seguinte questionamento: como uma comunidade se representa em manifestações culturais? Objetiva-se com o desenvolvimento do trabalho: Criar condições para que os alunos se observem como sujeitos históricos, com presença e atuação na comunidade a partir da atividade investigativa. Verificar a atividade investigativa como possibilidade de motivação e interação nas aulas de História. Conhecer a história do carnaval, seus significados, representações e importância como expressão cultural. Analisar as fotografias dos familiares da comunidade escolar na intenção de perceber as representações construídas sobre as festas carnavalescas. Conhecer a trajetória do carnaval na cidade de Ponta Grossa.

¹ A cidade de Ponta Grossa é considerada a Princesa dos Campos Gerais.

Sendo assim, utilizaremos como estratégias de ação para o desenvolvimento da intervenção pedagógica os seguintes momentos: no *primeiro momento* será apresentada a História do carnaval e seus significados; em um *segundo momento* o assunto abordado será o Carnaval como espaço de Representações; o *terceiro momento* será constituído de análise e apresentações das experiências carnavalescas dos seus familiares e da comunidade a partir das fotografias coletadas pelos alunos; o quarto *momento* será direcionado para o carnaval em Ponta Grossa, sua história e desenvolvimento através de fragmentos de textos de artigos de livros e jornais e dissertação de mestrado; O quinto *momento* será de apresentação do conteúdo aprendido durante as intervenções através de um desfile carnavalesco.

Para a produção da Unidade Didática foram utilizados os estudos dos seguintes autores Chartier (2002), Burke (1989), Da Matta (1983), Sebe (1986), Sohiet (1998), Cerri (2007), Bittencourt (2004) e Schmidt (2012).

Queridos alunos, acredito que a aplicação desse material contribuirá para que vocês adquiram atitudes mais reflexivas relacionadas à investigação histórica e à observação. Também espero que vocês se vejam como sujeitos históricos e passem a compreender melhor a realidade.

ELISÂNGELA FERREIRA INGLEZ

TEMPOS DE FOLIA: REPRESENTANDO O CARNAVAL PONTA-GROSSENSE

Seção 1 – Conhecendo o carnaval

De acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais os conteúdos estruturantes da disciplina de História são: Relações de Trabalho, Relações de Poder e Relações Culturais. Os estudos sobre cultura, valorizados na contemporaneidade, nos permitem observar a realidade não apenas aos olhos da elite ampliando também as possibilidades de fontes de pesquisa “...entende-se cultura como aquela que permite conhecer os conjuntos de significados que os homens conferiram à sua realidade para explicar o mundo.” (Diretrizes CURRICULARES ESTADUAIS, 2008, p. 67)



A turma será organizada em grupos, cada grupo será responsável por um dos textos apresentados nessa seção:



TEXTO 1

Carnaval: um pouco de história.

Textos organizados pela autora².

Você sabe como surgiu o carnaval? A origem do carnaval é bastante polêmica. Não se tem muitas informações sobre a origem do termo. Alguns estudiosos afirmam que a comemoração do carnaval tem suas raízes em alguma festa primitiva, realizada em honra do ressurgimento da primavera.

² INGLEZ, Elisângela Ferreira. O Carnaval enquanto espaço de representações: uma análise do carnaval ponta-grossense no período de 1945 a 1956. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Universidade Estadual de Ponta Grossa) - UEPG, Ponta Grossa, 2004.

Segundo LAPICCIRELLA (1996) em certos rituais agrários da Antiguidade, 10 mil anos a. C., homens e mulheres pintavam seus rostos e corpos, deixando-se enlevar pela dança, pela festa e pela embriaguez.

Já outros estudiosos acreditam que esta festa tenha se iniciado nas alegres festas egípcias. Para SEBE (1986) existe uma raiz que procura mostrar o carnaval como uma das festas mais velhas da história. Há milhares de anos os camponeses realizavam festas, verdadeiros cerimoniais, rituais alegres e coloridos, agradecendo assim, pela boa colheita.

As festas eram movimentadas, os camponeses mascarados, enfeitavam seus corpos e a alegria tomava conta de suas almas. As festas conseguiram atravessar tempos e culturas, influenciando muitas sociedades. Para LAPICCIRELLA (1996) é bem verdade que os egípcios festejavam o culto à Ísis há 2 mil anos a.C.

Isis era o nome de uma jovem deusa, protetora da natureza. Em homenagem a ela, os mortais se reuniram, ciclicamente, para render graças à vida. Esta cerimônia ocorria sempre no período dos plantios (ou colheitas), abrindo uma nova era do ciclo anual. Segundo remotas tradições, os mortais deveriam dançar, brincar, festejar muito para que as sementes crescessem e os frutos fossem bons. (SEBE, 1986, p. 9 e 10)

Também o carnaval pode ser uma herança de festas pagãs, como as Saturnais, Lupercais e Bacanais. As Saturnais eram realizadas em honra ao deus Saturno da mitologia grega, as Lupercais em honra ao deus Pã da mitologia romana e os rituais Bacanais ou Dionísicos em honra ao deus Baco da mitologia romana ou Dionísio da mitologia grega.

A origem do termo também é objeto de discussão. Para alguns estudiosos como Körting e Bér Essers o termo advém da expressão latina “carrun Novalis” (carro naval), um carro alegórico em forma de barco carregando um imenso tonel que servia vinho ao povo e com o qual os

romanos iniciavam seus festejos. (SEBE, 1986, p. 31). Alguns pesquisadores a rejeitam por não haver fundamento histórico.

Para SEBE (1986) o termo carnevale sugere uma interpretação comum, ligada ao cristianismo. Segundo o estudioso italiano Petrochi, a palavra carnaval viria do baixo latim *cannelevamen* que significaria “adeus à carne”, uma referência à terça-feira gorda, o último dia do calendário cristão em que é permitido comer carne. Provavelmente a expressão “Dias Gordos” esteja ligada a esta hipótese de terminologia, pois são os dias onde a ordem é transgredida e os abusos tolerados, em contraposição aos sacrifícios da Quaresma.



TEXTO 2

O CARNAVAL NA IDADE MÉDIA

Você pode imaginar qual é a relação do Carnaval com a Idade Média? Segundo Burke (1989), durante a Idade Média essas festas, consideradas pagãs, foram toleradas pela Igreja. Mas, certos limites impostos adulteraram a natureza dos festejos.

A fixação do período carnavalesco gira em torno de datas pré-determinadas pela Igreja Católica, antecedendo a Quaresma. No entanto, o uso de máscaras sobreviveu. Inicialmente o carnaval se restringiu às camadas mais altas da sociedade, ou seja, à elite. Posteriormente, esta festa se tornou popular.

O povo fazia sua festa nas ruas, sem muita sofisticação. Mas, em meados do século XIII, os bailes de máscaras se tornaram uma tradição. No Renascimento as festas ganharam mais espaço e as máscaras voltaram a se popularizar, juntamente com as fantasias.

Com o passar do tempo o Carnaval foi sofrendo alterações. Batalhas de água ou de bolotas de gesso foram incorporadas à festa. As pessoas atiravam farinha ou confeitos umas nas outras.

Para BURKE (1989) a estação do Carnaval começava no início do ano, sendo que a animação ia crescendo ao passo que a Quaresma se aproximava.

O Carnaval era um feriado, uma brincadeira, uma ocasião de liberação. Um ritual sem dono, com atores e espectadores compartilhando do mesmo espaço. Este ritual fundado no princípio social da inversão fazia com que as pessoas além de se fantasiarem, representassem papéis; ocorriam processos e casamentos simulados, além de outras brincadeiras informais.

Segundo Burke (1989) havia temas principais no Carnaval, reais e simbólicos. A comida era o mais evidente. Para ele foi a carne que compôs a palavra Carnaval. Assim, seu consumo era considerável, maciço.

Cantigas com duplo sentido eram quase que obrigatórias. A agressão verbal era permitida. Assim como a crítica, o deboche e o protesto.

Segundo Burke (1989) há tempos isso era comum, prática carnavalesca rotineira. As melodias com duplo sentido transformavam-se em cantigas “normais”, o que não poderia ser dito claramente em outras ocasiões. Era hora de denunciar autoridade, anunciar os problemas sociais enfrentados pela sociedade e debochar de atitudes que não são aceitas.



TEXTO 3

O Carnaval chegando ao Brasil

Inicialmente, durante o período colonial, o Carnaval ia de 25 de dezembro – Natal, até o Dia de Reis. Quando a Igreja o regulamentou³, determinou que a data dos festejos deveria ocorrer sete domingos antes da Páscoa. Foi num desses domingos que o Carnaval chegou ao Brasil, vindo de Portugal. Mas no Brasil não havia rigidez em relação a data para realização da festa. O Carnaval poderia ser festejado em diversas ocasiões, como por exemplo, na chegada de um personagem importante.

Para LAPICCIRELLA (1996) foi graças a Portugal que o entrudo desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, em 1641. O termo deriva do latim

³ Não existem registros referentes a exatidão da data e local desta regulamentação, referem-se apenas a Idade Média.

que significa 'introitus' 'entrada', 'começo', nome com o qual a Igreja denominava o começo das solenidades da Quaresma.



Scene de Carnaval

Fonte: DEBRET, Jean Batiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tomo I. Livraria Martins Editora. São Paulo. 3ª ed. 1954.

Porém, no Brasil a folia já chegou estigmatizada. Hábitos carnavalescos portugueses transplantaram-se para a colônia. Eram barulhentos e violentos; especialmente o do entrudo, que consistia em batalhas de cartuchos de pó, de panelas de vários líquidos e de ovos crus. O entrudo português foi proibido devido a sua selvageria, e de proibição em proibição foi decaindo até seu desaparecimento, no início do século XX. Mas sua diluição não foi repentina, obedeceu a todo um processo.

Primeiramente, os projéteis utilizados nas batalhas foram substituídos por flores; as quantidades de água e pó deram lugar aos limões-de-cheiro, que continham água perfumada em pequena quantidade. Essas modificações tornaram o entrudo mais gentil e sentimental.

Mais tarde, em 1906, o limão-de-cheiro foi substituído pelo lança-perfume, um cilindro de vidro contendo na ponta um sifão, por onde esguichava água cheirosa. Em pouco tempo, o lança-perfume se consagrou, pois era mais elegante e refinado. Outros recursos, como as serpentinas, os confetes e as brincadeiras, surgiram com o tempo, pela própria evolução do Carnaval.

SERPENTINAS: de origem francesa, chegou ao Brasil em 1892 (LAPICCIRELLA, 1996, p. 9). Fita de papel colorido.

CONFETES: procedente da Espanha, surgiu no Brasil também em 1892 (LAPICCIRELLA, 1996, p. 9). Rodelinhas de papel colorido.



TEXTO 4

O Corso Canavalesco

O tempo e as transformações históricas trouxeram outras modificações e inovações ao carnaval. Um bom exemplo foi a introdução do automóvel, concretizando o chamado “corso”. No corso vários carros iam e vinham pela avenida. O trajeto era previamente determinado e os foliões lançavam para dentro dos automóveis: confetes, serpentinas e lança-perfume, dando mais alegria à festa.

O corso foi lançado no Brasil em fins da década de 1900; era um desfile de caminhões ou carros sem capota, adornados, que conduziam famílias ou grupos de carnavalescos.

A moda surgiu no carnaval de 1907, quando as filhas do então presidente Afonso Pena, fizeram um passeio no automóvel presidencial, pela via carnavalesca, de ponta a ponta, estacionando depois defronte à porta de um edifício, de onde apreciaram a festa. Fascinados pela ideia, os foliões que tinham carro começaram a desfilar pela avenida, realizando calorosos duelos com outros veículos. (LAPICCIRELLA, 1996, p. 9).

Alguns motivos são citados para a despolarização do corso, como: modernização dos automóveis, pois o de capota alta ou conversível foi substituído por modelos mais simples; a dificuldade de tráfego; alto custo da gasolina e a descentralização do carnaval.

Mas não era o corso que caracterizava o carnaval de rua. Surgiram muitas formas de festejar o carnaval: batalha de confetes, banhos de mar com fantasias, os cordões, os ranchos, os blocos, as escolas de samba, e outras.



TEXTO 5

Os Cordões

Devido à repressão ao entrudo, a população disciplinou as brincadeiras de rua, passando a utilizar a organização das procissões religiosas para a comemoração do carnaval.

Os cordões possuíam música própria, desfilavam com estandarte e eram comandados pelo apito de um Mestre. Daí a importância que tiveram para a formação das futuras escolas de samba. O primeiro cordão surgiu em 1885 e denominava-se Flor de São Lourenço. Depois deste, outros ocuparam as ruas e assim sucessivamente, atingindo o auge de sua popularidade nos primeiros anos do séc. XX. (LAPICCIRELLA, 1996, p. 9)

O “cordão” provavelmente se originou das festas africanas, nas quais os africanos desfilavam com máscaras e fantasias, executando seus rituais. No desfile faziam uma roda, davam-se as mãos e eram “puxados” por outra roda. No início, os cordões eram uma mistura de rainhas, reis, bichos, palhaços, que festejavam com os pés irrequietos marcando o compasso no chão. Um indivíduo fazia malabarismos e acrobacias e guiava o cordão. Os componentes do cordão possuíam instrumentos musicais, principalmente os de percussão.

Os cordões, de ano para ano, tornaram-se mais luxuosos e caprichosos, devido à competitividade estabelecida entre eles. Cada um queria ser o melhor e quem ganhou com isso foi o carnaval. Porém, os cordões foram substituídos por outro folguedo carnavalesco: os ranchos.



TEXTO 6

Os Ranchos

Segundo SEBE (1986) o rancho (ou reisado, como é conhecido em muitos lugares) era formado por um grupo de pessoas que supostamente se dirigiam a Belém, a fim de visitar o menino Jesus; no caminho paravam nas casas das famílias, cantavam, comiam e prosseguiam viagem.

No desfile do rancho havia um enredo, e todos os adereços giravam em torno de uma história. O rancho remonta ao folclore africano. No rancho existiam músicas próprias e exclusivas de cada grupo, eram as chamadas “marchas do rancho”. Indissociáveis aos ranchos eram também, os instrumentos musicais: de percussão, de corda e os de sopro. Assim como no cordão, no rancho havia uma porta-estandarte, porém mais aperfeiçoada, pois possuía assessores: o mestre de harmonia, o de canto e o de dança.

Para LAPICCIRELLA os ranchos cariocas possuíam nítida influência religiosa.

Desfilavam em comemoração aos festejos natalinos no dia 6 de janeiro (Dia de Reis). Fantasiados de pastores e pastoras que rumavam a Belém, o grupo percorria a cidade cantando e pedindo agasalhos em casas de família. Por possuir letra e música próprias, acabaram por criar um gênero musical cadenciado, com grande riqueza melódica: a marcha-rancho.



TEXTO 7

Os Blocos

Menores que os ranchos existiam ainda os blocos, mas, não menos animados. O nome “bloco” significa corporação e sincronização. O primeiro bloco carnavalesco brasileiro surgiu em 1919, era o “Bloco do Eu Sozinho”, mais tarde foram surgindo outros. Em 1921, foi feito o primeiro regulamento para os desfiles.

O bloco consistia em um grupo de vizinhos e amigos que se reunia, escolhia a fantasia, formava um conjunto de instrumentos e um repertório de cantos e danças. Muitos grupos tiravam licença na polícia para poderem brincar o Carnaval sem problemas.

O bloco era um agrupamento maior, mas sem a necessidade de estabelecer uma ordenação interna que leve à representação de um drama, como ocorre nas escolas de samba. O bloco ordena-se de modo muito mais livre, com uma coreografia simples, sem costumes elaborados ou grandes

divisões internas. Os blocos voltavam-se mais para a ritualização da solidariedade dos bairros de onde saem; reforçando os fenômenos da vizinhança, presentes no mundo urbano moderno.

Segundo DA MATTA (1983) os blocos tinham distinções de família, raça, posição educacional ou ocupacional para unir todos os seus componentes numa mesma operação, “tribo” ou “bloco”.

Existem três tipos de blocos: de enredo ou desfile, de embalo ou empolgação, e o de “sujo”. O bloco de enredo é mais refinado em termos de ordem para o desfile. Já o bloco de embalo, pela própria denominação, indica sua capacidade, durante o desfile, de empolgar ou embalar os espectadores, motivando a integração entre os desfilantes (atores) e os assistentes (público).

O bloco de sujo é igualmente importante, pois representa um grupo com fantasia sem forma definida. São sujos à medida que representam os que estão no fim da linha social, muitas vezes os excluídos.



TEXTO 8

Escolas de Samba

O samba contagiou a todos e extravasou os limites do carnaval. Formaram-se as rodas de samba, às quais se juntaram os componentes dos blocos e ranchos. Essas modificações foram responsáveis pelo surgimento das escolas de samba. A batucada possibilitava improvisos de dança, assim o desfile das escolas acabou se tornando o favorito do público.

No início, em 1928, não havia uma organização, como ocorre hoje nas escolas de samba. Cada um se fantasiava como queria e conseguia, na maioria das vezes sem respeitar um enredo-base. Porém, cada um desempenhava uma função dentro do grupo – uns tocavam e outros dançavam.

Hoje, as escolas de samba são sociedades civis. É escolhido um enredo, que serve como eixo norteador de toda a organização da escola de samba.

Hoje no desfile, pedindo passagem, vem o abre-alas; em seguida, uniformizada, vem a diretoria da escola. Atrás seguem as pastoras e assistas, responsáveis pelas “evoluções”. No meio da escola vem a porta-bandeira juntamente com o mestre-sala. Os destaques, que representam os principais personagens do enredo, desfilam distribuídos pelo cortejo. Enriquecendo o desfile seguem os carros alegóricos.



1) Leia atentamente o texto, grifando o que considerar importante.

1.1) Após a leitura do texto apresente para os colegas as informações trazidas pelo texto em forma de telejornal:

Seção 2 – Representando através do Carnaval

➡ Os fragmentos de textos seguintes serão utilizados como subsídio para as atividades dos alunos e também para fundamentar a preparação de slides e a explicação do(a) Professor(a)

O Carnaval como espaço de Representações

Fragmentos de textos organizados pela autora.

O carnaval pode ser visto como um ritual social que implica em um abandono ou esquecimento proposital do trabalho. A brincadeira e a diversão definem os comportamentos nestes dias. O comportamento é dominado pela liberdade devido à suspensão temporária de uma hierarquia repressora.



1) Como o Carnaval é apresentado? 

2) O que define o comportamento nestes dias?

Essa festa tem inúmeros significados, pode representar uma oposição ao cotidiano, uma inversão de papéis desempenhados na sociedade e uma época de desperdício. Exatamente porque o cotidiano é a época de extrema economia, ou uma “inversão domada” para SEBE (1986), permitida por um Estado.



3) Quais os significados do Carnaval?

Personagem essencial nos festejos carnavalescos é o Rei Momo. O Carnaval representa uma oposição à Quaresma; talvez nesta oposição encontramos uma possível justificativa do porquê da figura do Rei Momo representar o Carnaval. Segundo Burke (1989) muitas brincadeiras (...) se centravam na figura do próprio 'Carnaval', que geralmente assumia a forma de um homem gordo, pançudo, corado, jovial, muitas vezes enfeitado com comidas (salsichas, aves, coelhos), sentados num barril ou acompanhado (como em Veneza, em 1572) de um caldeirão de macarrão.

A Quaresma - época de penitência, arrependimento, jejum e abstinência - é simbolizada com uma figura magra, pois Quaresma é tempo de privação. Extremamente oposto a ela, está o Carnaval, personificado em um comilão e beberrão jovem, gordo e alegre. Para Burke (1989) a 'Quaresma', em contraste, assumia a forma de uma velhinha magra, vestida de preto e enfeitada com peixes.



- 4) Elabore um desenho sobre o Rei Momo e outro sobre a Quaresma, não esqueça das explicações e da leitura do fragmento de texto anterior:

REI MOMO	QUARESMA

5) Explique por que o Rei Momo representa o Carnaval:

6) Atualmente a Quaresma ainda é um período de penitências, jejum, onde se evita comer carne vermelha existindo um consumo regular de peixes? Pergunte aos seus familiares.

O Carnaval é uma festa que destaca uma dissolução do sistema de papéis e posições sociais. Por isso, é visto como o mundo virado de cabeça para baixo. Mundo em que o homem comum pode representar o papel que desejar. É um teatro que cada um faz para si próprio. Para Da Matta (1983) no Carnaval, então, quando ‘brincamos’, estamos nos relacionando, também simulando posições e sentimentos. Ou seja: estamos dramatizando relações, possibilidades, desejos, posições sociais. Daí o Carnaval ser um local onde todos estão vivendo como que num grande palco.



7) Explique a frase: “O Carnaval é um teatro que cada um faz para si próprio”:

8) Leia o fragmento de texto acima e elabore uma sequência de desenhos sobre o que representa o Carnaval:

--	--	--	--

9) Em outros momentos da vida nós também representamos papéis?

Explique quais e como:

Fantasia e Máscaras, o que representam?

Mas como as classes altas, que mantêm o poder nas mãos, permitem essa manifestação popular, que pode representar perigo à realidade vigente? Burke (1989) faz uma colocação interessante a esse respeito: é como se elas tivessem consciência de que a sociedade em que viviam, com todas as suas desigualdades de riqueza, status e poder, não pudesse sobreviver sem uma válvula de segurança, um meio para que os subordinados soltassem seus ressentimentos e compensassem suas frustrações.



1) O que o historiador Peter Burke afirma sobre a necessidade de existência do Carnaval?

2) Você também tem “Válvulas de Segurança” para se sentir mais aliviado (a) das pressões do dia a dia? Dê exemplos:

Realmente essa questão merece atenção especial. Os antropólogos sociais que estudam os rituais enfatizam que as festas populares desempenham várias funções sociais. Ao mesmo tempo em que é uma diversão, oferecem ao povo algo pelo que esperar.



3) Você espera por uma festa? Faz planos? Como?

No caso dos festejos carnavalescos as pessoas se fantasiam, muitas vezes usam máscaras, e ocupam ruas e salões de clubes para extravasar alegria. A euforia da ocasião leva a uma menor inibição em se expressar a hostilidade em relação às autoridades que representam o poder. Associa-se a isso principalmente a crise econômica que todos enfrentamos em algum momento da História.

As classes populares convivem dia-a-dia com o desemprego, a fome e a miséria. Em função disso, o carnaval pode perfeitamente simbolizar e tornar-se um protesto social. Assim sendo, o carnaval serve a quem está em cima e a quem está embaixo; tem múltiplos planos, ao mesmo tempo em que reforça a ordem cotidiana, também coloca alternativas e sugere novos caminhos.



- 4) Explique por que o Carnaval pode simbolizar e tornar-se um protesto social:

O carnaval pode ser visto como um ritual no momento em que representa a sociedade, sua realidade, seus códigos de conduta, valores, diferenças, lutas de classes, subordinação, como também quando representa um ritual inverso ao de penitências exigido pelo período de quaresma, da mesma forma quando serve aos interesses de quem comanda, como uma válvula de escape onde se libera tensões contidas durante o ano de vida cotidiana.

Estes festejos poderiam significar uma oportunidade de exteriorizar anseios normalmente proibidos pela sociedade, poderiam funcionar como uma espécie de válvula de escape para que as pessoas pudessem expressar abertamente desejos reprimidos. Neste sentido, as máscaras e fantasias ajudavam as pessoas a se libertarem do seu cotidiano, possibilitando a todos uma sensação de impunidade e invisibilidade, permitindo assim uma maior

liberação com relação à realização de desejos. Para BURKE (1989) essa multidão não se limitava a se fantasiar, mas também representava papéis.

Fantasia e Máscaras são utilizadas para representar papéis, sonhos e desejos, também podem ser uma forma de se sentir protegido e até mesmo desinibido para esse momento de alegria e até mesmo de protesto social.



5) O que os festejos carnavalescos podem significar?

6) O que as máscaras e fantasias possibilitam?

A própria fantasia carnavalesca, já que é uma fantasia, revela mais que esconde, pois representa um desejo escondido. As fantasias têm, assim, um sentido metafórico, pois se pode até dizer que o mundo do Carnaval é o mundo da metáfora (figura de linguagem), em que seus componentes estão ligados entre si por simpatia e por um entendimento vindo da trégua que suspende as regras sociais do cotidiano.

Como comenta Da Matta (1983) é no Carnaval que são experimentadas novas possibilidades de relacionamento social que, quotidianamente, estão adormecidas ou são colocadas como sonhos. Por isso, o mundo do Carnaval, é, para nós, o mundo da loucura!.



7) Se você pudesse escolher uma fantasia para pular ou brincar o Carnaval qual fantasia escolheria? Por quê?

O Carnaval sem fantasia perde muito de sua essência, pois o disfarce simboliza desinibição, que é fundamental para que a alegria extravase descontraidamente. O uso de fantasias durante os festejos carnavalescos contou sempre com um lugar especial.

A corte portuguesa, por ocasião de sua vinda, introduziu no Brasil o uso de fantasias refinadas, como: pierrô, colombina, arlequim e pirata. Mas após a I Guerra Mundial as fantasias tornaram-se mais modestas, devido à crise financeira que atingiu o carnaval brasileiro. No entanto, elas passaram a ser mais originais. Os carnavalescos exploraram bastante as particularidades de cada região; assim, as fantasias voltam a ganhar destaque.



- 8) Faça uma pesquisa sobre as fantasias de Pierrô, Colombina e Arlequim, sua origem e história, no Laboratório de Informática: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-são-o-pierro-o-arlequim-e-a-colombina>



- 9) Elabore uma representação a partir de desenhos inspirando-se no Pierrô, na Colombina e Arlequim:

--	--	--



Nesse momento os alunos receberão moldes de máscaras para confeccionar cada um a sua.

A festa é uma experiência que sinaliza várias dimensões da vida social por ser um lugar onde o coletivo se reúne e exterioriza, onde a participação é marcante e efetiva, ela se aconchega na memória, tornando-se uma fonte importante, “convencido de que nada que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.” (FLORES, 1991, p. 134)

A lembrança da festa vai dando conta da dimensão econômica dos moradores, a condição social aflora, na distinção entre os clubes de sociedade, do Corso, as fantasias utilizadas, enfim a forma de externar sua maneira de pensar, sua condição na sociedade e reverter papéis almejados durante todo o ano, mas é somente com o Carnaval que esta oportunidade surge.

O carnaval e o carnavalesco pela oposição às elites e à cultura oficial podem apresentar o popular como o rebelde que existe em todos nós. “O exemplo par excellence da festa como contexto para imagens e textos é certamente o Carnaval.” (BURKE, 1989, p. 206)

A mesma festa ocorrendo em lugares diversos pode refletir peculiaridades regionais, através das quais pode se estabelecer uma reflexão, através da análise das representações, sobre as características daquela sociedade.



10) Reflita e descreva por que a festa pode ser uma importante fonte de pesquisa histórica?

O carnaval ocorre no Brasil e em muitos outros lugares e, apesar de preservar algumas de suas características originais, é apresentado de formas

diferentes, pois como uma manifestação cultural é normal que suas características regionais sejam externadas.

No carnaval de Veneza, em meados dos séc. XVII e XVIII, na quinta-feira antes da quaresma, os porcos eram caçados por cães, depois de capturados eram levados diante do doge⁴ e eram degolados; o doge oferecia as carcaças aos nobres e “gentis-homens” de Veneza. A estrutura básica do ritual consistia em três elementos: a pantomima da caça, da execução e da distribuição da comida. (CUNHA, 2002, p. 28)



11) Após a leitura do fragmento de texto acima elabore um bonito desenho sobre o Carnaval em Veneza dos séculos XVII e XVIII:

“O carnaval brasileiro seria uma mistura de influências do carnaval europeu, do africanizado ou negro, do oriental e do indigenizado” (SEBE, 1986, p. 33). Pode também ser considerado uma rede infindável de manifestações regionais.

Para compreender o carnaval brasileiro é necessário distinguir alguns temas centrais. Pode-se dizer que o carnaval brasileiro, bem como as demais manifestações de cunho popular, e em momentos cultura de massa, forma um

⁴ Magistrado supremo das antigas repúblicas de Veneza e Gênova. (AURÉLIO, 1986, p. 606)

imenso laboratório onde também se processam as transformações sociais ocorridas no país.

Sebe (1986) estabelece duas linhas de interpretação sobre o carnaval.

A linha **DIONÍSICA**, proposta no Brasil por Roberto Da Matta, acredita na inversão absoluta dos valores. O carnaval seria uma festa que conduziria ao desarranjo da ordem estabelecida.

Já para a linha **APOLÍNEA**, mostra a tendência ao espetáculo através da (re)organização dos elementos dispostos no espaço social, seria uma oportunidade de combinação de valores sociais e culturais, de grupos variados.

Para Sebe, no Brasil fica evidente a percepção das duas linhas.



12) Para você o que seria essa inversão absoluta dos valores? Um desarranjo da ordem estabelecida citada na linha dionísica?

13) Para você o que seria a Tendência ao espetáculo, uma oportunidade de combinação de valores sociais e culturais, de grupos variados:

Pode-se dizer que no carnaval brasileiro existe uma inversão da ordem? “Roberto Da Matta responde que sim; Renato Ortiz mostra uma ‘inversão domada’, tutelada, permitida por um Estado que não deixa de existir no período da festa, e que, pelo contrário, precisa se organizar para permitir a ‘inversão’.” (SEBE, 1986, p. 78)


Seção 3 – Agora Você é o Investigador!



Você vai pedir para seus familiares, vizinhos, professores e funcionários do Colégio, fotografias que tenham sido tiradas durante os festejos de Carnaval, vai anotar, (a lápis), no verso da fotografia ou em outro papel: os nomes das pessoas que estão na fotografia, o ano e o que representa a roupa ou fantasia que estão vestindo. Se a fotografia for digital pode enviar por e-mail ou trazer em pendrive ou cd.



Hora de produzir...

1) Observe cada fotografia conseguida, escreva os nomes das pessoas que estão na imagem: 

Fotografia 1:

Fotografia 2:

Fotografia 3:

2) Escreva o ano em que a fotografia foi tirada:

Fotografia 1:

Fotografia 2:

Fotografia 3:

3) Descreva o que você está observando na Imagem:

Fotografia 1:

Fotografia 2:

Fotografia 3:

4) Você consegue identificar características da sua comunidade nessa imagem? Quais? Descreva:

Fotografia 1:

Fotografia 2:

Fotografia 3:

5) O que é o Carnaval para você? Justifique a sua resposta:

6) Quais as lembranças que você tem do Carnaval?

Sou SUJEITO da História!

*Participo de sua construção
e também penso sobre ela.*



Seção 4 – O Carnaval em Ponta Grossa

➡ O primeiro momento será de leitura de todos os textos, depois a turma será dividida em grupos que serão responsáveis pela confecção de cartazes e apresentação para a turma;

Aspectos do Carnaval princesino

Textos elaborados pela autora

Nas décadas de 1940 e 1950, Ponta Grossa era um centro de influência no interior do Estado, devido sua situação geográfica e sua ligação pelo sistema rodoferroviário com grandes centros do país.

De acordo com Batista (1998), o carnaval primeiramente era comemorado nos teatros e nas ruas, chegando posteriormente, aos clubes sociais. O Teatro Sant'Ana foi palco de muitos festejos carnavalescos; esta casa de espetáculos era localizada na rua das Tropas, hoje rua Augusto Ribas próximo ao Edifício Vila Velha. Entre 1910 e 1912 os Clubes assumiram tais festejos e passaram a organizar também os desfiles de blocos e carros alegóricos nas ruas.

De acordo com Inglez & Julek (1997), o Carnaval ponta-grossense durante a década de 1930 era uma referência. Pessoas de cidades vizinhas prestigiavam o carnaval princesino que tinha no Corso seu ponto forte. O corso era realizado na primeira e terceira noites de carnaval.

Muitos carros particulares, geralmente abertos, circulavam com jovens fantasiados, cantando músicas alusivas à festa, alguns representando os clubes locais. Confetes e serpentinas, em grande quantidade, eram atirados de um carro para outro, ou sobre os populares, nas calçadas. As serpentinas uniam os carros, formando 'cortinas', e a torcida era para que não se rompessem, nas esquinas ou nas paradas. (LAVALLE, 1996, p.104)

Os clubes sociais, além de promoverem bailes, participavam do corso, organizando blocos e ornamentando carros alegóricos, que desfilavam

juntamente com a rainha e as princesas de cada sociedade recreativa. Na década de 1930 e início da década de 1940 o carnaval ponta-grossense alcançou seu melhor momento. As dezenas de blocos carnavalescos contribuíram grandemente para isso, o carnaval princesino era essencialmente popular.

Interferência do contexto Nacional

Antes de 1930, o Estado não intervinha na organização dos três dias de festa carnavalesca. Com o governo de Getúlio Vargas isso mudou e generalizou-se o intervencionismo estatal. A festa do povo passou a ser dirigida e controlada. O presidente Vargas sempre buscou manter a “ordem” e a “lei”, durante o carnaval, as atenções deveriam ser redobradas, para evitar qualquer “inconveniente”.

Nos anos de guerra, as determinações da delegacia eram mais severas para com os foliões:

dentre outras restrições, os bailes só poderiam ser realizados com licença e até as três horas da manhã; não era permitido o uso de máscaras ou disfarces que impedissem a pronta identificação na rua e nos bailes públicos; não eram permitidas críticas à nações em guerra, bem como aos homens públicos, como motivos para folguedos carnavalescos. Devido ao clima de constante tensão gerado pela guerra, as autoridades estavam sempre atentas e vigilantes.

Os clubes sociais sempre tiveram importante participação no carnaval da cidade. Contrários ao curso que promovia um festejo popular, os clubes atuavam como seletores da população, pois participavam apenas os sócios e alguns convidados por eles, após rígida apreciação da diretoria.

Conforme estudos de Inglez & Julek realizados sobre o carnaval princesino durante o período de 1930 a 1945, os clubes que existiam na cidade eram os seguintes: Guarani, Thalia, Unio Síria, Democrata, Pontagrossense, Junak 6, Dante Alighieri, Germânia, Savóia, 13 de Maio, Princesa dos Campos

– Verde, Associação Recreativa Homens do Trabalho, Grêmio dos Subtenentes e Sargentos e Santa Cecília.

Interferência do contexto Mundial

O carnaval de rua na década de 1940 passava a dar indícios de fraqueza e declínio. Reflexos da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) foram sentidos em Ponta Grossa, apesar de todos os esforços. A falta de organização e de dinheiro, bem como a participação do Brasil na Guerra, afetaram grandemente os festejos.

Faltaram este ano os elementos para o carnaval de rua: não há corso, devido ao racionamento da gasolina, não há lança-perfume; não há serpentina e nem confete, e porque não dizê-lo; a vida está tão cara que o Zé-povo não pode prejudicar o seu orçamento doméstico com as despesas que a folia acarreta. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1945, p. 1)

O carnaval de rua não foi o único afetado. A rotina dos clubes também foram alteradas e alguns chegaram a ficar inativos, principalmente os de origem alemã como o Verde e o Germânia ou Guaira.

Festividades de Carnaval: Parecendo aos Diretores que as festividades do carnaval de 1943 sejam quase suprimidas em virtude do atual estado de Guerra, resolveu a diretoria que o Presidente José Luviram Sobrinho entrasse em entendimento com os Presidentes de outros clubes a fim de que, no caso de serem promovidas festividades carnavalescas, estas sejam abrilhantadas pelas Eletrolas e não por conjunto musical (LIVRO ATA nº 5, Clube Princesa dos Campos, p. 58)

Em 1945, devido ao quadro de guerra, não houve o carnaval de rua, mas os bailes nos salões dos clubes continuavam. O Diário dos Campos registra esta situação: “Em Ponta Grossa não teremos, como não temos há

vários anos, o Carnaval de rua, mas os salões se movimentam para animados bailes” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1945, p. 4).

Incentivo do jornal Diário dos Campos

Através de suas reportagens o jornal Diário dos Campos incentivava a realização do Carnaval, tentando espantar o desânimo e exaltando a necessidade da festa mesmo em um momento difícil.

Chegavam a tomar como exemplo a postura dos ingleses que após soar o sinal de “tudo limpo”⁵ retomavam suas ocupações diárias, e a noite continuavam frequentando o teatro ou seu divertimento preferido; nunca perderam a sua tradicional fleuma⁶, apesar de todo o bombardeio.

“E, assim, o brasileiro não quer deixar de fazer o seu carnaval. Deixemo-lo, pois, brincar” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1945, p. 4).

No ano de 1945 a Prefeitura do Distrito Federal, através de um despacho da Agência Nacional se manifestou a respeito do Carnaval. Apesar de não ter promovido o evento também não proibiu as iniciativas particulares. O autor R. Galvão, através da Coluna *Daqui & Dali* do Diário dos Campos, sob o título “E Nós”, cobrou da sociedade ponta-grossense, principalmente dos Clubes sociais, uma postura em relação à realização do Carnaval em Ponta Grossa .

Na Coluna *Lares e Salões*, o texto intitulado ““O Diário” nos salões – Noite do Samba”, anunciou que o Clube Guarani, situado na rua Augusto Ribas, lançaria o grito de Carnaval⁷ de 1945. Garantindo assim a realização do Carnaval ponta-grossense, pelo menos nos Clubes.

⁵ Gíria utilizada para dizer que está tudo bem, referindo-se a tranquilidade. Não há referência de como se dava o sinal.

⁶ Frieza de ânimo, serenidade, impassibilidade.

⁷ Festa com as mesmas características do carnaval que o antecede para se apresentar as candidatas e eleger a rainha do carnaval de determinado clube.

O comércio se aqueceu, e anunciou seus produtos carnavalescos através do jornal: “Lança perfume⁸ de vidro e metal - Seda Lame e Lacke⁹ para fantasias só na Luzitana¹⁰” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1945, p. 3).

Apesar da expectativa de realização da festa, o desânimo ainda é descrito:

“Não é maldade, nem contra-senso! O fato é que Momo vem chegando cabisbaixo, acabrunhado e com neurose de guerra” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1945, p. 01).

O Rei Momo sempre representou a alegria, a jovialidade, o excesso alimentar, a oposição a Quaresma período de jejum e penitência. Todos os acontecimentos nacionais ou internacionais, ditadura do Estado Novo, Segunda Guerra Mundial, mexeram com todos, modificando a visão de mundo, seus valores e perspectivas.

Como ficou a festa!

O Carnaval apresentava modificações, porém os Clubes não se abateram, pelo contrário, se reanimaram após o fim da Segunda Guerra Mundial. Segundo Batista (1998) a participação do Clube Princesa dos Campos nos cursos carnavalescos continuou intensa no período pós-guerra.

A participação dos Clubes não era limitada aos bailes em seus salões, era claro o interesse que tinham em fazer uma boa apresentação durante o Corso para toda a sociedade ponta-grossense.

⁸ Bisnaga de vidro ou metal que continha éter perfumado. De origem francesa, chegou ao Brasil em 1903. Era utilizado como brincadeira espirrava-se um jato em outro folião, quando atingia os olhos provocava ardência.

⁹ Marcas de Lança-perfume.

¹⁰ Estabelecimento comercial que vendia produtos carnavalescos.

Segundo LVALLE (1996), no Clube Guaira o carnaval de 1945, animado pela Orquestra União Jazz Band, transcorreu normalmente. Em 1946 foi realizado o “Carnaval da Vitória”

Também no Clube Guaira os carnavais durante o período pós-guerra continuaram sendo realizados. Segundo Lvalle (1996), vivia-se um clima de compensação, pelo final da Guerra. A mudança de costumes era perceptível, mas o Carnaval continuava alegre e vibrante nos salões dos clubes sociais e nas ruas da cidade com o Corso.

As regras da Festa!

Nos convites para os bailes dos Clubes, que eram divulgados no jornal, a presença de menores de idade era claramente disciplinada: para rapazes a partir de 17 anos e para senhoritas a partir de 14 anos era permitida a participação. Quanto ao traje não seria permitida a entrada de pessoas em trajes “contrários à ética social” indicando a representação dos padrões morais da época. Os Blocos e Cordões deveriam ser registrados na secretaria. Para o controle do que havia se estabelecido eram nomeadas comissões, como: comissão de porta e comissão de salão.

Foi determinado pelo Sr. 1º Tenente João Maria Sobrinho, Delegado Regional de Polícia da 3ª Região Policial, através da Portaria nº 1 as seguintes disposições:

1º - Os bailes públicos só serão realizados mediante licença expedida pelo Departamento Estadual de Imprensa e propaganda, após as informações desta Delegacia Regional. Esses bailes deverão terminar às 3 (três) horas.

2º - Os estandartes a serem exibidos em público, dependerão de vistoria e censuras prévias do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, Delegacia Regional de Ordem Política e Social e de Segurança Pessoal.

3º - Os blocos, cordões e outros agrupamentos carnavalescos só poderão sair a rua mediante licença desta Delegacia Regional.

4º - Não será permitido o uso de máscaras ou disfarces que impeçam a pronta identidade, na rua, e nos bailes.

6º Não serão permitidas fantasias e canções consideradas atentatórias a moral e aos bons costumes, proibindo-se os grupos constituídos de indivíduos maltrapilhos, empunhando objetos inconvenientes, agressivos ou que ofendam a moralidade pública.

7º - Fica igualmente proibido o uso, como fantasia de uniformes distintivos, emblemas, bonés, golas, botões privativos das classes armadas, ou que se tornem semelhantes aos usados por aquelas Corporações.

10º - As pessoas que portarem, "lança-perfume", ficarão sujeitas a fiscalização da Polícia que punirá quem desvirtue o seu uso.

Folia permitida, mas devidamente regulamentada, é evidente a preocupação de quem comandava para que nada saísse do controle pré-estabelecido. Festa do povo até certo ponto, pois as regras eram determinadas pela elite dominante que vê no carnaval um momento de válvula de segurança onde há a inversão da ordem, porém, uma 'inversão domada'.

Durante o período analisado, 1945 a 1956, as medidas só tiveram alteração a partir do ano de 1953, se tornando mais leves. Não era mais necessária a licença para a realização de bailes e para o uso de fantasias e máscaras. O horário do início e término dos bailes sofria uma pequena

alteração de ano para ano, o início sempre era às 21:00 horas e o término variava entre 02:00 horas e 03:00 horas.

Período de Redemocratização

O primeiro carnaval de rua do período de redemocratização foi o de 1946. As reportagens do jornal Diário dos Campos apresentam sensível diferença. Enquanto no ano de 1945 discutia-se a viabilidade do Carnaval, no ano seguinte isto não era discutido e apenas se anunciavam os animados preparativos para o festejo. Motivo não faltava para comemorar, finalmente a guerra havia acabado.

Talvez pela falta de costume, causado por alguns anos de interrupção, o carnaval de rua de 1946 não foi o ponto alto dos festejos carnavalescos, limitando-se a aglomeração do povo na Rua Quinze de Novembro. “Bem poucos carros carnavalescos. E, assim mesmo, um apenas alegórico e pitoresco: o do Bastião e sua Companhia” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1946, p. 02).

O ponto alto neste ano foram os bailes nos clubes sociais, que atingiram “proporções grandiosas”. Ainda segundo o jornal Diário dos Campos o carnaval de rua não foi melhor devido à comissão que não angariou recursos suficientes para os carros alegóricos e também aos altos preços dos artigos carnavalescos, que impediram a população de adquiri-los e brincar o carnaval. Quem possuía poder aquisitivo foi se divertir nos salões dos clubes.

Carnaval de Rua

O carnaval de rua durante o período de 1946 a 1956 não foi interrompido, porém não teve o brilho que tinha antes da Segunda Guerra Mundial. Todos os anos havia uma preocupação em resgatar o ânimo do carnaval de rua que não apresentou reação significativa.

O itinerário do curso também era apresentado pelo jornal. O estabelecido pelo Departamento do Serviço de Transito – Sub-Inspetoria de Ponta Grossa para o ano de 1947 foi:

Entrada na rua XV de Novembro, pela rua Augusto Ribas, lado da Praça Mal. Floriano, seguindo até a rua 7 de setembro, daí até a rua Mal. Deodoro pela qual seguirá até a rua Augusto Ribas, para nova entrada na rua XV de novembro. A saída do curso se fará pela rua 7 de setembro, para o lado da Avenida Vicente Machado.

Os veículos não deveriam parar, nem mesmo para embarque de passageiro, salvo acidente ou interrupção do tráfego. A velocidade não poderia passar de 10 quilômetros por hora, guardando sempre, os veículos entre si, a distância máxima de três metros. Os veículos de tração animal para carga não poderão participar, e os carros e caminhões somente se estivessem ornamentados e com licença especial.

Em 1949 há um empenho por parte da Prefeitura Municipal de incentivo ao carnaval, porém o patrocínio será do comércio e indústrias sob a forma de contribuições espontâneas. Há um número elevado de reportagens sobre o carnaval neste ano: concursos foram realizados pela Rádio Clube Pontagrossense PRJ-2 e pelo jornal Diário dos Campos para a escolha de Rei Momo e Rainha do Carnaval.

Em 1950 o número de reportagens carnavalescas em relação ao ano de 1949 é bem menor, mas a animação parece ser a mesma, muitos clubes divulgando a programação dos seus festejos momescos.

O itinerário de Carnaval determinado pela sub-Inspetoria de Trânsito de Ponta Grossa apresenta alterações neste ano. Em 1947, destaque era para as ruas XV de Novembro e Marechal Deodoro, agora as principais ruas passam a ser a Av. Vicente Machado e a rua Doutor Colares.

...Itinerário – Av. Dr. Vicente Machado desde a Paula Xavier até a Benjamin Constant, tomando esta rua até a feira nº 2, voltando pela mesma rua retorna à Vicente Machado até a Balduino Taques, esquina S. A. Zacarias, entra na mesma a esquerda até a Dr. Colares, entrando novamente na Vicente Machado pela Paula Xavier, retornando o itinerário.

O itinerário dos ônibus também foi determinado, a entrada e saída do Corso controlada, as paradas que seriam feitas, tudo era pensado para que não houvesse transtornos durante os dias de festejo.

A partir do ano de 1951 há referência, em Ponta Grossa, à participação dos acadêmicos da Faculdade de Filosofia¹¹ no carnaval. Até mesmo o Futebol de domingo foi cancelado para não atrapalhar o carnaval. Neste ano foi registrado o sucesso do carnaval tanto nos Clubes como no de rua.

Em 1952 a Rádio Clube Pontagrossense e o Diário dos Campos, em comum acordo, lançaram um concurso para eleger a Rainha do Carnaval. Os Clubes apresentaram suas Rainhas, a votação ocorreu através dos cupons integrantes em anexo no jornal, a urna ficava na portaria da PRJ-2.

O *Carnaval no Ar* era um programa diário apresentado durante o carnaval na rádio PRJ-2 às 21:00 horas, diretamente de seu palco auditório e comandado por Barros Júnior. Apresentava um desafio entre escolas de samba da cidade, músicas carnavalescas, coroação da Rainha, enfim, várias atrações ligadas ao carnaval.

Anunciava-se a preparação das Escolas de Samba para o Carnaval de rua:

Aproxima-se rapidamente o carnaval de 53, que este ano, vêm precedido de uma ansiedade das maiores, por parte dos foliões pontagrossenses, que estão ávidos de cair na folia e sassaricar até quarta-feira de cinzas. Escolas de Sambas, Blocos, Ranchos, etc., já estão se arrematando, para, no reinado do único rei que nunca foi destronado... (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1953, p. 02)

O programa carnavalesco na PRJ-2, no ano de 1953, se chamava “Boite Campestre Encantada”. Era apresentado as terças, quintas e aos sábados, às 22 horas, na voz de Barros Júnior.

O itinerário para o Curso Carnavalesco de 1953 foi ampliado. As principais ruas passaram a ser, além da Av. Vicente Machado e da rua Doutor Colares, também a rua XV de Novembro:

Em 1954 a animação para o tríduo¹² carnavalesco continuava evidente. Os concursos para Rei e Rainha continuam animando a cidade, os votos foram

¹¹ Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, criada pelo Decreto Estadual nº 8.837, de 08/11/49, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 32.242, de 10/02/53. Iniciou suas atividades a partir do ano de 1950 com o curso de Bacharelado em Geografia e História e posteriormente de Licenciatura em História.

¹² Três dias de festejos carnavalescos.

anunciados à venda em diversas lojas da cidade, onde também foram colocadas urnas para depósito destes.

Muitas reportagens do período de 1950 a 1956 se referiam ao carnaval princesino como um sucesso, tanto o de rua como nos clubes; no entanto não eram unânimes. Mesmo com o incentivo da Prefeitura Municipal e do comércio, o carnaval não foi reaquecido. Um texto, sem autoria, publicado na coluna *Cuíca, Pandeiro e Tamborim* sob o título “Considerações sobre o carnaval de rua”, relata a agonia do mesmo nos últimos anos.

Talvez, o momento de estagnação econômica causado não apenas pela Segunda Guerra Mundial, mas também pela decadência da ferrovia¹³ tenha influenciado os festejos momescos.

O curso já não encantava, poucos eram os carros alegóricos, a maioria eram carros de passeio fechados sem ornamentação, os clubes estariam deixando de investir no carnaval de rua priorizando o carnaval de seus associados e trazendo grandes atrações.

É anunciada a presença da Orquestra Tupã de São Paulo contratada para abrilhantar os festejos carnavalescos da cidade. É solicitado aos Clubes que participem do carnaval de rua e ornamentem seus carros, mesmo na situação considerada difícil para todos. Novidades na Av. Dr. Vicente Machado:

“Agora, maiores possibilidades se nos apresentam, visto que a principal artéria é a avenida Vicente Machado, que teve suas árvores arrancadas, solução o que em muito contribuiu para o comparecimento de maior número de pessoas a fim de apreciar o tríduo carnavalesco.”
(DIÁRIO DOS CAMPOS, 1954, p. 02).

¹³ Decisivo para a vida da cidade-encruzilhada foi a inauguração da estrada de ferro, em plena revolução federalista. Em 1894, os trilhos da estrada de ferro vindo de Paranaguá atingiam a cidade. Em 1899 inaugurou-se a estrada de ferro São Paulo – Rio Grande com oficinas de manutenção em Ponta Grossa. Esta situação de entroncamento ferroviário fez com que Ponta Grossa entrasse no século XX com o pé direito. O progresso veio. Grandes engenhos de erva-mate, beneficiamento de couro e de madeira começaram a surgir. E olarias, pois não havia tijolo que chegasse. Pessoas que residiam em outras localidades vieram para Ponta Grossa atraídas pela promessa de bons negócios.

O Departamento do Serviço de Trânsito – Sub-Inspetoria, através do Edital nº 1, passou as instruções para a realização do Corso carnavalesco de 1954. Desta vez o itinerário reduziu-se praticamente a Av. Vicente Machado que havia se tornado mais ampla em virtude da retirada do canteiro central e de suas árvores.

Não só o carnaval princesino passava por dificuldades: “Carnaval Pobre... RIO, 18 (RP) – Um vespertino assinala que este será, decididamente, o Carnaval mais pobre que o carioca já passou sendo índice revelador a crise financeira por que atravessa o país” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1955, p.06)

De acordo com o texto publicado no jornal Diário dos Campos, sob o título *Carnaval de Rua*, o Carnaval de rua ponta-grossense no ano de 1955 transcorreu desanimado. Os blocos que desfilaram foram: Cubanos do Ritmo, Clube D. Pedro II, Tricolores do Ritmo e Foliões Conelli.

Realmente o carnaval nos clubes pareceu se destacar. Em 1956, devido a sensível decadência do Carnaval de rua, foi anunciado o apoio da Prefeitura Municipal que cuidaria da ornamentação da Avenida Vicente Machado. Os prêmios aos carros alegóricos eram entregues pela Rádio PRJ-2.

O Itinerário do corso durante o ano de 1956 foi: Rua Benjamin Constant, Av. Vicente Machado, Rua Paula Xavier, Rua Dr. Colares, Rua Cel. Dulcídio, Rua XV de Novembro fechando o circuito na Rua Benjamin Constant. Verificase que a principal artéria para a passagem do Corso carnavalesco, a Av. Vicente Machado, passa novamente a ser integrada às ruas XV de Novembro e Doutor Colares. Retoma-se, assim, o itinerário na forma de círculo.

Mesmo com todas as dificuldades, o Carnaval princesino era motivo de mobilização da comunidade que não desistia de tentar reanimar o carnaval de rua, que teve seu ponto alto na cidade durante a década de 1930, e que neste momento já se recolhia aos Clubes.

“Como se pode notar, o carnaval é inegavelmente a festa de todos é a festa que contagia, que traz em si o poder de transformar tristezas em risos” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 1956, p. 02).

Seção 5 – Desfile carnavalesco

 Organizar o desfile carnavalesco a partir dos conceitos trabalhados no processo de intervenção.

 As fotografias do desfile estarão postadas no Blog que serão comentadas pelos alunos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Maristela Iurk. **Clube Princesa dos Campos – 1897/1997 100 Anos de Beneficência, Conquista e Realizações na Sociedade Ponta-grossense**. Ponta Grossa: Inpag, 1998.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Carnaval de Rua. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 27 de fevereiro de 1955. Nº 16.959, p. 06.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2002.

Considerações sobre o Carnaval de rua. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 03 de fevereiro de 1954, nº 16.662, p. 02.

CUNHA, Maria Clem (org.) **Carnavais e outras festas: ensaios de História Social da Cultura**. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2002.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DIÁRIO dos Campos, Ponta Grossa, 1953, p. 02.

Dominó. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 14 de janeiro de 1956. nº 17.211, p. 02.

FLORES, M. B. R. **História em debate: Problemas, temas e perspectivas. Anais do XVI Simpósio da Associação Nacional dos professores de História**. Capítulo: Memória e Festa. Rio de Janeiro: 1991.

INGLEZ, Elisângela Ferreira. & JULEK, Silvia. **Dias de Folia: O Carnaval Ponta-grossense de 1930 a 1945**. Ponta Grossa, Monografia de Especialização, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997.

INGLEZ, Elisângela Ferreira. **O Carnaval enquanto espaço de representações: uma análise do carnaval ponta-grossense no período de 1945 a 1956**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Ponta Grossa) – UEPG, Ponta Grossa, 2004.

LAPICCIRELLA, Roberto. (org). **Antologia musical popular brasileira: As marchinhas de carnaval**. São Paulo, v. 1: Musa editora, 1996.

LAVALLE, Aída Mansani. **Germânia – Guaíra: Um século de sociedade na memória de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: Centro de Publicação UEPG, 1996.

Não Possui. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 19 de janeiro de 1945. nº 12.251, p. 01.

O Carnaval em Ponta Grossa. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 07 de março de 1946. S. n., p. 02.

O Carnaval em Ponta Grossa. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 24 de janeiro de 1945. nº 12.255, p.04.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica (História)**. Curitiba: SEED, 2008.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.

SOIHET, Raquel. **A Subversão pelo Riso**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Caro(a) Professor(a)

Seguem abaixo as orientações metodológicas referentes às atividades propostas nas seções dessa produção didático-pedagógica. A elaboração desse material destina-se a turmas do 8º ano do Ensino Fundamental.

Ao final das orientações está presente uma sugestão de cronograma com a distribuição do número de aulas disponíveis para o desenvolvimento de cada uma das seções.

Seção 1 – Conhecendo o Carnaval.

Inicialmente, propõe-se que seja discutido o título da produção didático-pedagógica “Tempos de Folia: representando o Carnaval ponta-grossense”, contribuindo para que os alunos relacionem-no com a realidade vivida por Eles e pela comunidade.

Na sequência os alunos serão divididos em grupos, cada grupo ficará responsável pela leitura de um dos textos da seção, após a leitura e organização dos grupos cada um apresentará o conteúdo do seu texto para a turma em forma de telejornal.

Seção 2 – Representando através do Carnaval.

Pretende-se que essa seção seja iniciada com a contação da história da origem do Carnaval e seus elementos principais e o que cada um representa, a seguir deverão ser apresentadas, na tv *pendrive*, as imagens ilustrando a explicação e possibilitando a comparação pelos alunos.

Os fragmentos de textos da seção serão utilizados como subsídio para as atividades reflexivas dos alunos e também para fundamentar a preparação de slides e a explicação do(a) Professor(a).

O Laboratório de Informática será utilizado para pesquisar sobre a história, representação e imagens de personagens comuns do carnaval, como: o Pierrô, o Arlequim e a Colombina.

Os alunos receberão moldes de máscaras para escolher e confeccionar cada um a sua, já se preparando para o desfile final.

Seção 3 – Agora Você é o Investigador!

Nessa Seção, sugere-se que seja solicitado aos alunos que realizem uma pesquisa com seus familiares, vizinhos, professores e funcionários do Colégio, emprestando fotografias que tenham sido tiradas durante os festejos de Carnaval. Os alunos devem ser orientados para anotar, (a lápis), no verso da fotografia ou em outro papel: os nomes das pessoas que estão na fotografia, o ano e o que representa a roupa ou fantasia que estão vestindo. Se a fotografia for digital poderá ser enviada por e-mail ou trazer em pendrive ou cd para a Professora.

Quando já estiverem com as fotografias realizarão as atividades de análise propostas no material didático-pedagógico. Propõe-se que seja observada atentamente a reação dos alunos durante as atividades de pesquisa e investigação, registrando-as para futura avaliação.

Seção 4 – O Carnaval em Ponta Grossa.

Sugere-se que se inicie a seção com uma aula expositiva sobre a história do Carnaval em Ponta Grossa sempre estimulando a curiosidade sobre como era expressivo o Carnaval princesino para a região dos Campos Gerais.

Em seguida, propõe-se que os alunos sejam divididos em grupos, realizem a leitura de um dos textos, grifando as partes principais e a partir disso que construam cartazes para a apresentação do conteúdo aos seus colegas e posteriormente no desfile.

Seção 5 – Desfile carnavalesco.

Pretende-se que nessa Seção os principais conceitos trabalhados no processo de intervenção sejam retomados e que sejam confeccionados materiais, os quais possibilitarão a apresentação sobre o Carnaval, suas

representações e, especialmente, sobre o carnaval ponta-grossense para as turmas de 6º ano.

Sugere-se que as fotografias do desfile, bem como as tiradas nas demais atividades durante a intervenção sejam postadas no Blog, sobre as quais os alunos deverão interagir tecendo comentários.

Recomenda-se que as atividades sejam recolhidas e arquivadas para posterior análise dos resultados, é necessário que o Professor possua um caderno de registros para anotar as reações, questionamentos, descobertas, avanços e demais reações dos alunos frente ao processo de descoberta.

CRONOGRAMA			
SEÇÃO	ATIVIDADES	LOCAL	DURAÇÃO
Seção 1	Conhecendo o Carnaval.	Sala de aula	5 h/a
Seção 2	Representando através do Carnaval.	Sala de aula	6 h/a
		Laboratório de Informática	2 h/a
Seção 3	Agora Você é o Investigador!	Sala de Aula	8 h/a
Seção 4	O Carnaval em Ponta Grossa.	Sala de Aula	5 h/a
Seção 5	Desfile carnavalesco.	Preparação sala de aula	4 h/a
		Apresentação	2 h/a